



SANTIDADE E MISSÃO

CONTRIBUTOS PARA UMA PASTORAL MISSIONÁRIA

PE. AMARO GONÇALO FERREIRA LOPES

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA HORA

NOTA INTRODUTÓRIA:

Este documento contém uma compilação, em forma de tópicos, de excertos das homilias, da autoria do Pe. Amaro Gonçalo, sobre os temas da Santidade e da Missão, do ano pastoral 2009/2010, cujo lema, na diocese do Porto, foi *Missão 2010*.

Espera-se que este trabalho possa servir de inspiração e de auxílio a todos os que dele queiram tirar proveito, ao longo deste ano pastoral, *Ano Missionário*, por decisão dos Bispos Portugueses, tendo em vista o *Mês Missionário Extraordinário de 2019*, assim determinado pelo Papa Francisco.

Senhora da Hora, 25 de outubro de 2018



«ALEGRAI-VOS E EXULTAI» (Mt. 5, 12)



Solenidade de Todos os Santos 2002

- “Qual afinal o segredo desta santidade? Nada de especial: a Oração diária, a Reconciliação frequente, a eucaristia dominical, a caridade atenta. É a «receita» comum, o segredo do êxito de todas estas vidas. Não é caminho que não possamos percorrer. É subida em que verdadeiramente todos os santos nos ajudam!...”

Solenidade de Todos os Santos 2003

- “Onde foi que Madre Teresa encontrou a força, para se dedicar completamente ao serviço do próximo? Encontrou-a na *oração* e na *contemplação silenciosa de Jesus Cristo*. Nos momentos mais difíceis, alguns de completa obscuridade, ela recorria com mais tenacidade à oração, diante do Santíssimo Sacramento. Ela mesma o disse: "O fruto do silêncio é a oração; o fruto da oração é a fé; o fruto da fé é o amor; o fruto do amor é o serviço, o fruto do serviço é a paz".”

Solenidade de Todos os Santos 2005

- “Dizia-nos o Papa Bento XVI, na Missa de canonização de cinco beatos no Domingo de encerramento do Sínodo e do Ano da Eucaristia: “Santo é todo aquele que está tão fascinado pela beleza de Deus e pela sua perfeita verdade, que se deixa transformar pouco a pouco por essa verdade e por essa beleza. Por essa verdade e por essa beleza, está disposto a renunciar a tudo, também a si próprio. Basta-lhe o amor de Deus, que ele experimenta no serviço humilde e desinteressado do próximo, especialmente daqueles que não têm capacidade de corresponder”. Somente, partindo desta íntima explosão do bem, que vence o mal, se pode suscitar uma série de transformações, que pouco a pouco mudarão o mundo! Todas as demais mudanças são superficiais e não salvam.”



Solenidade de Todos os Santos 2006

- “É por isso que o nosso caminho de santidade não pode brotar, a não ser da fé. É por isso que a nossa fé, não resiste sem a oração. É por isso, *também*, que a nossa oração nunca o será sem o silêncio e a sua celebração em comunidade. Estes são os ingredientes da santidade, para todo e qualquer fiel batizado, de todo e qualquer estado, daquele ou deste tempo.”

Solenidade de Todos os Santos 2007

- “Os cristãos, hoje, como sempre, ou são «santos» ou não são «cristãos»! Não basta que sejamos «boas pessoas» ou «pessoas boas». É preciso que brilhe no nosso modo de olhar a vida “uma luz” diferente; é preciso, que a prática do amor, tenha uma marca de pureza e grandeza, que conduzam à fonte divina donde brota. É preciso que a nossa vida, apareça “transformada dia a dia” não apenas pelo nosso esforço, mas sobretudo pela graça de Deus, que torna possível «um camelo passar pelo fundo da agulha». Só assim seremos «santos, como os santos», «santos entre os santos». Só assim, seremos «santos» para os outros, marcos e pontos de referência da própria fé. Foi, pelo testemunho da santidade e não por qualquer estratégia poderosa, que os primeiros cristãos se multiplicaram, em terras pagãs.”
- “Por isso, o único necessário e o desafio posto hoje aos cristãos é tão simples como isto: «Sede santos, como o Pai celeste é Santo!».



Solenidade de Todos os Santos 2008

- “Os santos são-nos dados, não apenas como *“auxílio para a nossa fragilidade”*, mas também apresentados, como *“exemplo”*, para a nossa vida cristã!”
- “Em São Paulo, vê-se de modo exemplar, o que significa ser discípulo, o que é ser santo. Mas tal significado é proclamado, não de maneira teórica, mas na sua vida, no sofrimento e na alegria misteriosa por ele experimentados. Assim, vê-se em Paulo que *ser santo* não equivale apenas a ser *“um bom homem”* ou um *“Homem bom”*, mas a viver unido ao Senhor e a deixar que a nossa vida esteja imersa na comunhão com Ele. São Paulo resumiu bem o ideal encarnado da santidade, como seguimento e participação na vida de Jesus, numa frase lapidar: *“Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”* (Gal.2,20).”

Solenidade de Todos os Santos 2009

- “Nas suas pregações, dizia, o Santo Cura d’ Ars: *“Todos podemos ser santos e todos devemos trabalhar, para nos tornarmos santos. Os santos foram mortais como nós, e sujeitos às paixões como nós. Temos as mesmas ajudas, as mesmas graças, os mesmos sacramentos. Podemos ser santos, porque o Bom Deus jamais nos recusará a sua graça, para nos ajudar a tornar santos”*. Com acerto lembrava que *“nem todos os santos começaram bem, mas todos acabaram bem.”*
- “A experiência humana e espiritual dos santos demonstra que a santidade não é um luxo, não é um privilégio para poucos, uma meta impossível, para um homem normal. Na realidade, a santidade é oferecida a todos, e tornar-se santo é tarefa de cada cristão, aliás, poderíamos dizer, de cada homem, pois a todos, “Deus nos abençoou e escolheu em Cristo, para sermos santos e imaculados diante dos seus olhos” (Ef. 1, 4).
- “Portanto, todos somos chamados à santidade. Em última análise, sermos santos consiste simplesmente, em vivermos como filhos de Deus, como família sua,



naquela intimidade e "semelhança" com Deus, com que fomos criados. Ora, o "caminho" para o céu, o caminho da santidade, é sempre Cristo, o Filho, o Santo de Deus, pois ninguém chega ao Pai senão por meio d'Ele (cf. Jo. 14, 6)."

- “Na verdade, “os santos constituem uma atualização do evangelho na vida quotidiana e, por conseguinte, representam para nós um verdadeiro caminho de acesso a Jesus” (Hans Urs von Balthasar). Diríamos mesmo que “por onde passam os santos, passa Deus com eles!” (Cura d’Ars).”
- “Nas suas pregações, o santo Cura d’Ars, recorrendo a uma belíssima metáfora: “os santos são como muitos pequenos espelhos, em que Jesus se contempla. Nos seus Apóstolos, Jesus contempla o seu zelo e o seu amor pela salvação das almas! Nos mártires, contempla a sua paciência, os seus sofrimentos e a sua morte dolorosa! Nos eremitas, Cristo contempla a sua própria vida ignorada e escondida! Nas virgens, pode admirar a sua pureza sem mancha! E, em todos os santos, a sua caridade sem limites”. De modo que, - concluía o nosso santo – “admirando as virtudes dos santos, não fazemos outra coisa que admirar as virtudes de Cristo”! O escritor francês Jean Guitton descrevia os santos "como as cores do espectro em relação à luz", porque com as suas próprias tonalidades e matizes, cada um deles reflete a luz da santidade de Deus!”
- “Não é necessariamente um grande santo, aquele que possui carismas extraordinários. Efetivamente, existem numerosos deles, cujos nomes só são conhecidos por Deus, porque na terra levaram uma existência aparentemente normalíssima, desde o varredor ao realizador de cinema, desde a mãe doméstica à cientista de nomeada, desde o pai incógnito ao pai herói. E são queridos por Deus, todos estes santos da nossa vida, precisamente por serem "normais". O seu exemplo testemunha que só quando estamos em contacto com o Senhor, é que nos tornamos repletos da sua paz e da sua alegria, e que somos capazes de difundir por toda a parte a serenidade, a esperança e o otimismo!”



- “Só a santidade pode formar, reformar, transformar e conformar a vida de cada um de nós, à imagem de Cristo, o Homem Novo, primícia da nova Humanidade, de um tempo de graça e de mundo novo!”

Solenidade de Todos os Santos 2010

- “Cada santo é diferente de outro, com a singularidade da própria personalidade humana e do seu carisma espiritual. Mas todos têm impressa a "marca" de Jesus (cf. Ap 7, 3), ou seja, o distintivo do seu amor, testemunhado através da Cruz.”
- “A vida dos santos mostra-nos que “não se pode ser cristão se não se prefere a perfeição difícil à mediocridade fácil” (Paulo VI). Um cristianismo fácil e cómodo não existe. Existe um cristianismo forte e feliz, que não se pode contentar com pessoas medíocres; que não pode ser vivido de qualquer maneira: ou se vive em plenitude ou se traiçoa! E por isso, a santidade nunca passará de moda! Pelo contrário, com o passar do tempo, resplandece de forma luminosa e manifesta como toda a nossa Vida cristã deve tender para a perfeição e orientar-se para Deus!”
- “A mensagem do céu é clara: a santidade é de todos e é possível a todos! Só novos santos, podem fazer homens novos e só homens novos podem fazer um mundo novo!”



I Domingo de Advento C 2009

- “O coração humano não pode escalar a meta alta da santidade, se a vida comum o afoga na mediocridade, na frivolidade, em toda a espécie de excessos, de comida, de bebida, de ruído, de imagens, que perigam o sentido de equilíbrio e o equilíbrio dos sentidos.”
- “A santidade é o programa de sempre, de toda a nossa vida cristã (N.M.I.30). Trata-se agora de retomar este caminho da santidade, na atividade de uma fé, que se recolha mais em oração, mas não se encolha na caridade!”

2.º aniversário de paróquialidade: 21 setembro 2010, Festa de São Mateus, Apóstolo e Evangelista

- "O coração fala ao coração". A partir desta perspectiva, é possível compreender a vida cristã, como um chamamento à santidade, experimentada como o desejo profundo do coração humano de entrar em comunhão íntima com o coração de Deus!”





**O paradigma de Jonas:
Todos discípulos missionários!**



Da Homilia na Epifania 2010

- “«Levanta-te»! A Igreja não é estação de serviço! A Igreja é Missão. O Senhor parece dizer-nos, pelo sinal desta Estrela: Atravessemos para o outro lado! Façamo-nos viandantes, rumo a Deus, interiormente a caminho para Ele e trazendo outros até Ele!”

Da Homilia na Festa do Batismo do Senhor C 2010

- “Jesus é ungido pelo Espírito, para ser enviado! Da sua unção brota a missão! Pelo que o Batismo de Jesus, como aliás o nosso, não é um acontecimento que se isole ou pertença ao passado, mas uma realidade, que nos abre, sempre adiante, um longo horizonte e um vasto mar de missão!”
- “Recai, sobre cada um dos fiéis batizados, o mandato do Senhor, tendo todos, e cada um, o direito de se empenharem, para que o anúncio da salvação seja conhecido e acolhido por todo o homem, em qualquer lugar! Tal obrigação compromete ainda mais os fiéis leigos, naquelas circunstâncias, de tempo e de lugar, onde, só através deles, os homens poderão ouvir o Evangelho e conhecer a Cristo!”
- “A “Missão [2010] vem lançar-nos, precisamente, este desafio à *“corresponsabilidade na nova evangelização”*! Todo o batizado é ungido do Espírito, para o anúncio, é enviado do Pai e revestido de Cristo, para a missão!”
- Tal desafio à missão, não consistirá, tanto, em batizar novos convertidos, mas, sobretudo, em levar os já batizados a *converterem-se a Cristo e ao seu Evangelho*: é preciso preocupar-se, seriamente, em levar o Evangelho àqueles que estão longe da fé, ou se afastaram da prática cristã! Muitos dos nossos batizados, frequentemente, ignoram os mais elementares rudimentos da fé! Muitos deles, vivem, de facto, como se Cristo não existisse: repetem gestos e



sinais da fé, sobretudo por ocasião do batismo, casamento e funeral, mas sem a efetiva aceitação do conteúdo da fé, e sem qualquer adesão à pessoa de Jesus e à comunhão com a Igreja. Em muitos deles, as grandes certezas da fé foram substituídas por um sentimento religioso vago e pouco comprometido!”

Da homilia da Festa da Apresentação do Senhor C 2010

- “Há aqui, claramente um encontro de gerações, que é lugar de missão e de transmissão da fé. Os protagonistas da missão e da transmissão da fé são uma criança, os seus pais e dois anciãos, na comunidade de fé que é o Povo de Deus!
- “Neste preciso e precioso contexto, tão familiar como comunitário, tão humano como religioso, neste perfeito encontro inter-geracional, faz-se luz, e começa a missão! Isto é, tem lugar, neste episódio, um exemplo luminoso da boa recepção e da necessária transmissão da luz de Cristo aos outros, precisamente através do diálogo inter-geracional, em família!”
- “Em Ano de Missão, esta Festa da Apresentação, lembra-nos então a graça e o dever de ter e manter na mão, as lâmpadas acesas, da fé e da missão! *«Tende na mão as vossas lâmpadas acesas»* (Lc. 12, 35). *“Mostremos assim, através deste sinal visível, a alegria que partilhamos, com Simeão, que tem nas mãos a luz do mundo. Sejamos ardentes, pela nossa devoção e luminosos pelas nossas obras, e, com Simeão, levaremos Cristo em nossas mãos, a todos os outros”* (B. Gueric d'Igny) Da luz recebida de Cristo, dêmos luz aos outros (cf. Spe Salvi, 40)! É uma missão, que se faz por transmissão, dos anciãos, dos avós, dos pais, das crianças, de todos afinal, e que começa precisamente na família e a partir dela!”

IV Domingo Tempo Comum C 2010

- “A primeira profecia de Deus, o primeiro anúncio da fé, não se limita a um discurso, a uma palavra, a uma catequese, a uma ideia. Há-de traduzir-se e



transmitir-se, em primeiro lugar, “pelo fogo do amor”, que dá o justo ardor à nossa paixão de evangelizar!”

- “A evangelização não é mera propaganda, nem se reduz a um ensinamento proposto ou imposto. O anúncio, começa pela experiência partilhada e testemunhada do amor de Deus em nós, e por meio de nós, atuante neste mundo! O amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus, em que acreditamos, e pelo qual somos impelidos a amar!”
- “Mais do que falar de Deus ou de o defender, importa reconhecê-lo no grito e na fé dos pobres e das crianças, e mostrá-lo presente, em gestos de amor! Perante o aparente e incômodo silêncio de Deus, ou fala o amor, ou gritam as pedras!”
- “Se não for orientada pelo amor, isto é, se não brotar de um profundo acto de amor divino, a missão corre o risco de se reduzir a uma atividade propagandística, de quem passa o evangelho como quem vende um detergente. Isto porque o amor, que Deus nutre por cada pessoa, constitui o coração da experiência e do anúncio do Evangelho. E, por sua vez, quantos O acolhem, hão-de tornar-se suas testemunhas. Por conseguinte, cada comunidade cristã é chamada a fazer conhecer este Deus, que é Amor e nos amou primeiro!”
- “O amor é e há-de permanecer como o verdadeiro motor da missão. O amor é também "o único critério pelo qual tudo deve ser feito ou deixado de fazer. É o princípio que deve dirigir cada ação, e o fim para o qual deve tender. Agindo na perspectiva do amor ou inspirado pelo amor, nada é impróprio, e tudo é bom" (Red. Mis. 60). Deste modo, ser missionário quer dizer, em primeiro lugar, amar a Deus com todo o próprio ser, a ponto de entregar a vida por Ele, no cuidado afetivo e efetivo dos irmãos. Ser missionário significa debruçar-se, como o bom Samaritano, sobre as adversidades de todos, de forma especial dos mais pobres

e necessitados! Aliás, é sempre «o coração que vê onde há necessidade de amor, e age de acordo com isso» (DCE 31b).”

- “Profecia e caridade, anúncio e amor, não podem separar-se! É o Amor que anunciamos, na convicção, de que a maior pobreza do homem é não ou não se saber amado! E é por Amor que anunciamos, na certeza de que “a maior pobreza dos homens é desconhecer Cristo” (Madre Teresa)!”

V Domingo Tempo Comum C 2010

- “Não podemos ficar «*estacionados*», passivos e satisfeitos, parados, naquilo que já temos ou recebemos! É preciso – de uma vez por todas – deixarmos de ser meros consumidores da Igreja, para nos tornarmos construtores mais criativos da comunidade! Salta à vista, mesmo entre os mais ativos cooperadores paroquiais, uma fé demasiado acomodada, sem audácia missionária! Mais do que muitas outras iniciativas, que preenchem o calendário, neste Ano de missão, importa que vós, fiéis leigos, assumais a vossa missão peculiar, de transmissão e de testemunho cristão mais ousado e fermentado, nos diversos lugares deste mundo!
- “«fazer-se ao largo», é não ficar preso, dentro da Igreja. É ser capaz de sair para o adro, «para o largo», «vencendo o medo de se expor ao ridículo, lançando, sem receios, as redes do evangelho, no vasto oceano da descrença e da indiferença, mostrando aí que acreditamos no «impossível» e que somos capazes de fazer e de oferecer a diferença... Ou saltamos o muro, que ainda nos separa do mundo, ou atravessamos a estrada, para propor, com alegria, a fé às novas gerações, ou então, morreremos sozinhos, no calor da nossa “fogueira” paroquial.”
- “O “complexo de betão”, isto é, a tendência de cada um a esconder-se no seu próprio canto, no meio desta capital das cooperativas habitacionais, precisa de ser superado, por uma fé, que há-de expandir-se por contágio!”



- “Perante este tremendo e fascinante desafio, não vale a pena inventar velhas desculpas, de quem não sabe, de quem não pode, de quem não é digno de tal missão!”

XIII Domingo Tempo Comum C 2010

- “Quem segue Jesus, torna-se um homem apaixonado de Cristo, alguém que traz em si o fogo do seu amor, o único «fogo» que pega e se apegando e assim não se apaga!”

XIV Domingo Tempo Comum C 2010

- “Faz parte da condição de todo o discípulo, ser enviado por Jesus, em missão! A Missão não é, portanto, exclusiva dos Apóstolos ou dos seus sucessores, com os seus colaboradores: os bispos e padres. Como nos disse o Papa, aqui no Porto: todo «o cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo, enviado ao mundo» (Bento XVI, Homilia na Avenida dos Aliados, 14.05.2010). O verdadeiro índice da nossa adesão a Cristo, é este mesmo: uma vez evangelizados, tornarmo-nos evangelizadores!”
- “Onde há uma casa, onde há uma família, onde há uma pessoa, onde há um coração, há uma semente, há uma terra de missão! Como nos disse o Papa, no Porto: «realmente aguardam por nós não apenas os povos não cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos socioculturais e sobretudo os corações, que são os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus».”



- “De facto, sem a presença ativa dos leigos, o Evangelho não pode gravar-se profundamente nos corações, na vida e no trabalho de um povo. Por isso o Papa, vos desafiava com esta pergunta: “se não fordes vós as suas testemunhas, no vosso próprio ambiente, quem o será em vosso lugar?”
- “Precisamos hoje de cristãos descomplexados e ativos, capazes de colocar o fermento, o sal e a luz do evangelho, «nos lugares do vasto e complicado mundo da política, da realidade social e da economia, mas também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos *mass media*, e ainda outras realidades abertas à evangelização, como são o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento» (E.N. 70, cit. CEP, Carta Pastoral, Para um rosto missionário, 25).”

XVI Domingo Tempo Comum C 2010

- “Disse-o com particular beleza o Papa, em Fátima, aos agentes da pastoral social: “Muitas vezes, não é fácil conseguir uma síntese satisfatória da vida espiritual, com a acção apostólica. A pressão exercida pela cultura dominante, que apresenta com insistência um estilo de vida fundado sobre a lei do mais forte, sobre o lucro fácil e fascinante, acaba por influenciar e esvaziar de sentido cristão o nosso serviço. (...) . E todavia a referida síntese é absolutamente necessária para podermos servir Cristo na humanidade que nos espera. Neste mundo dividido, impõe-se a todos uma profunda e autêntica *unidade de coração, de espírito e de acção*”.

XXII Domingo Tempo Comum C 2010

- “Há também, nesta velha Europa, na vida dos fiéis e das nossas comunidades cristãs, a expansão de uma «fé envergonhada»! Uma fé, que sobrevive do sentimento, mas sem alento, nem fermento capaz de transformar o mundo!

Uma fé, sem ânimo, para marcar a diferença, num mundo sem alma. Enfim, uma fé envergonhada é uma fé, sem alegria, sem ardor, nem fulgor! Uma fé, sem pés para andar, sem mãos para servir.”

- Não nos deixemos então abater pelo cansaço. É preciso «reacender» o dom da fé, e, a partir daí, reacender o «ardor» da missão! Quanto mais se abre à missão, mais a fé se fortalece. «A missão é um problema de fé, é a medida exata da nossa fé em Cristo e do seu amor por nós» (João Paulo II, RM, 11).

XXIII Domingo Tempo Comum C 2010 (Nossa Senhora da Batalha)

- “Por outras palavras: o discípulo, isto é, aquele que entra na escola de Jesus, e O quer seguir até à Cruz, não pode ter a veleidade de construir uma vida assim, se fica a meio, ou se vive a meias, e não vai até ao fim e ao fundo das coisas! Seguir Cristo não é uma decisão, que se possa tomar de ânimo leve! Ela implica uma espoliação de tudo o que somos e temos; daí a necessidade de calcular previamente, de ver e prever com realismo, os recursos disponíveis da nossa vontade e da nossa liberdade! Seremos, ou não, capazes de «*renunciar a tudo*», sem nada antepor a Cristo?!”
- “Nesta parábola, Jesus deixa claro: o discípulo, que combate pela fé, não pode aventurar-se a uma luta tão desigual, neste mundo, se não está munido de forças espirituais, que ultrapassem a sua natural fraqueza! Este precisa de “sentar a considerar se é capaz” de enfrentar as lutas e as batalhas da fé, que tem pela frente! O discípulo deve examinar, com realismo, o seu equipamento interior, verificar a sua bagagem espiritual, para ver se “tem pernas” para lá chegar e vencer! Esta imagem da grande «batalha», pode ser enriquecida com a figura de Maria, que nos encoraja no seguimento e no grande combate da fé.”
- “São afinal, três lições práticas, para o seguimento de Jesus e para qualquer aventura espiritual, neste início de ano letivo e pastoral: constância, realismo e



audácia. Mas, nesta Festa de Nossa Senhora da Batalha, falemos sobretudo da audácia. A audácia faz precisamente o justo equilíbrio entre a presunção de quem se julga capaz de tudo e a timidez de quem não é capaz de fazer nada! Muitas vezes perdemos algumas batalhas da nossa vida, porque nem sequer nos roça de perto o desejo de as combater! Consideramo-nos derrotados, à partida!”

XXIV Domingo Tempo Comum C 2010

- “Entra, tens aqui um lugar! É, pois, um desafio à hospitalidade, à capacidade de acolher, quem chega, de novo, ou pela primeira vez! Bem ou mal vestido, rico ou pobre, certinho ou desalinhado! A hospitalidade é a virtude de quem sabe «correr ao encontro do outro», criar espaço e fazer festa ao outro, não se mostrando ocupado e preocupado apenas consigo!”
- “Não desistir nunca de ninguém! Não deixar ninguém de fora ou perdido dentro de si! Esta perseverança, perdida de amor, pelo que anda perdido por desamor, manifesta um coração generoso e aberto, onde há sempre estalagem, um lugar para cada um e para mais um!”
- “A hospitalidade significa ocupar-se de cada um, como se, de facto, cada um valesse tanto como todos os outros noventa e nove, ou como se a moeda mais fraca fosse o nosso único tesouro, ou como se cada pessoa, fosse um filho único, ao nosso inteiro cuidado. Em cada um, há dons pessoais, riquezas e valores, que é preciso conhecer e reconhecer, abrindo espaço à partilha da vida e do coração. Hospitalidade é oferecer essa oportunidade!”
- “Acolher com hospitalidade significa não dificultar a entrada dos que regressam, mesmo daquele que, porventura, foi, como Paulo, «blasfemo, perseguidor e violento», mas a quem «o Senhor julgou digno de confiança e chamou ao seu serviço».”



Segunda-feira de Páscoa 2010

- “O encontro com Jesus Ressuscitado abre, espontaneamente, às mulheres, aos discípulos, aos apóstolos, a todos nós, o caminho da missão. Se as mulheres não tivessem saído do sepulcro, se os primeiros a lá chegar não tivessem saído de Jerusalém, ainda hoje, aqui onde estamos, não saberíamos da vitória de Cristo sobre a morte. E nada seria como é!”
- “Também a nós, hoje, como a estas mulheres, o Ressuscitado repete que não tenhamos receio, de nos tornarmos mensageiros do anúncio da sua ressurreição! Nada deve temer, quem encontra Jesus ressuscitado e a Ele se confia docilmente. É esta a mensagem que os cristãos são chamados a difundir, até aos extremos confins do mundo. A fé cristã, como sabemos, nasce não do acolhimento de uma doutrina, mas do encontro com uma Pessoa, com Cristo morto e ressuscitado. Na nossa existência quotidiana, serão muitas as ocasiões para comunicar aos outros esta nossa fé, de modo simples e convicto, de modo que do nosso encontro pode nascer a sua fé. É urgente, como nunca, que os homens e as mulheres da nossa época conheçam e encontrem Jesus e, graças também ao nosso exemplo, se deixem conquistar por Ele” (Bento XVI, Regina Caeli, 09.04.2007).

IV Domingo da Páscoa C 2010

- “Aqui se percebe claramente o desafio da missão: sair da casa paterna, abrir a Igreja a um mundo novo, que ainda não escutou a Palavra. Missão é envio e saída, para outras paragens, para outras pastagens, para lugares e pessoas, onde o Evangelho ainda não tiver sido anunciado nem escutado!”
- “Precisamos, a esta luz, de reinventar toda a nossa pastoral, demasiado sedentária, muito assente e bem «sentada» nas suas reuniões de grupos e



celebrações. As nossas comunidades paroquiais instalam-se facilmente, no pasto seguro e garantido da assistência religiosa, da sua missa, das suas festas, do padre “pronto” a batizar, a casar e a enterrar! Uma paróquia, que se quer afirmar como célula missionária, precisaria, talvez, de destacar, de entre os grupos, algumas pessoas dispostas a ir em missão e a partir ao encontro daqueles e daquelas, que desconhecem o evangelho ou que já não têm nenhum contacto com a vida da Igreja!”

- “Esta pastoral missionária não é tarefa, isolada, nem exclusiva, do seu Pastor. Ao Pastor, cabe-lhe ir à frente, mostrar o caminho a seguir, propor a verdade, com amor. Mas a todos, e a cada ovelha do rebanho, cabe ir em frente, dando e alargando o seu espaço, para nele acolher ovelhas feridas, desnutridas, abandonadas! Ao Pastor, cabe cuidar do seu rebanho, e mantê-lo firme, atento e seguro nas mãos de Deus. Mas ao rebanho, já crescido e amadurecido, não assiste o direito de reservar para si o Pastor! O Pastor não deve ficar prisioneiro daqueles que o rodeiam sempre, antes deve procurar, aqueles que se desviaram ou nunca entraram no redil. E esta procura chegará a ser encontro, graças aos pés, às mãos e os olhos de cada uma das ovelhas! Não é este mais o tempo de dizermos «*vem aqui, que estamos à tua espera*»! É esta a hora de dizer «*vou aí, que me esperas*» e estar e aparecer fora das horas, dos modos e dos lugares habituais!”
- “Perante esta aventura missionária, a maior resistência virá dos fiéis praticantes, dos que se mantêm no seu «posto», e que constituem o público e os quadros, quando não a «nomenclatura» da paróquia! Estes são os primeiros a experimentar a dificuldade em fazer o luto dos velhos tempos da cristandade, e de empreender uma reconversão pastoral, em que cada um esteja disposto a arriscar a vida e nome, para salvar outros, pronto a deixar morrer para viver, a perder para ganhar!”



- “Mas todos, a começar por mim e passando por cada um, somos enviados a procurar aqueles que ainda estão fora ou longe, até chegar o dia sonhado por Cristo, em que haverá um único rebanho, de que Ele é o único Pastor (Jo.10,16).”

Ascensão do Senhor C 2010

- “O Papa continuava: «o cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo, enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida”.
- “A missão não se destina apenas aos povos não cristãos e às terras distantes, mas também aos ambientes da nossa sociedade e da nossa cultura. São «*sobretudo os corações*» - que nos seus legítimos anseios, esperam por Jesus - «*os verdadeiros destinatários da missão*», assegurou-nos Bento XVI.”
- “Meus queridos irmãos e irmãs: nós, que experimentamos, aqui, na Eucaristia, a presença real e transformadora de Cristo, não podemos agora ficar a olhar, pasmados, para o céu (cf. Act.1,11)! Somos desafiados a permanecer na cidade (cf. Lc.24,56), a ser aqui e a partir daqui «*testemunhas e portadores de Jesus ressuscitado, levando-O para os diversos sectores da sociedade e a quantos neles vivem e trabalham, irradiando a «vida em abundância» (...) Nada impomos, mas sempre propomos!*» Façamo-lo, então com Cristo e a partir de Cristo, para renovar a face da terra, a partir de Deus, sempre e só de Deus!”
- “O protagonista silencioso deste milagre de comunhão e de comunicação, de proclamação e de missão, é o Espírito Santo! Impelida por Ele, toda a Igreja, doravante, é chamada a anunciar a todos os povos as maravilhas do Senhor! O Pentecostes é assim como um fogo ardente e um vento impetuoso, para a vida cristã, e para a missão de toda a Igreja!”



- Do maravilhoso relato do Pentecostes, que ouvimos todos os anos, gostaria de destacar três aspetos, para este ano de missão:
 - Primeiro aspecto: «*Os apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar*» (Act.2,1). «*Permanecer juntos*» foi a condição exigida por Jesus, para receber o dom do Espírito Santo! Pressuposto da sua concórdia, foi uma oração prolongada! Por vezes, pensamos que a eficiência missionária dependa principalmente de uma programação atenta e da sua inteligente realização, mediante um empenho concreto. Sem dúvida, o Senhor pede a nossa colaboração, mas antes de qualquer resposta nossa é necessária a sua iniciativa: é o seu Espírito o verdadeiro protagonista da Igreja. As raízes do nosso ser e do nosso agir estão no silêncio sábio e providente de Deus (Bento XVI, Homilia no Pentecostes, 4.06.2006). Diríamos então, com o Papa: “*quanto tempo perdido, quanto trabalho adiado, por inadvertência deste ponto*” (Bento XVI, Homilia no Porto, 14.05.2010)!



- Segundo aspecto: O Espírito Santo vence o medo! Depois da ressurreição de Jesus, o medo dos discípulos não desapareceu repentinamente. Mas eis que no Pentecostes, quando o Espírito Santo pairou sobre eles, eles saíram sem temor e começaram a anunciar a todos a boa nova! Vede, então, queridos irmãos e irmãs: onde entra, o Espírito de Deus afasta o medo; faz-nos conhecer e sentir que estamos nas mãos de uma Onnipotência de amor: aconteça o que acontecer, o seu amor infinito não nos abandona! Demonstram-no a coragem dos mártires e a audácia dos missionários. Demonstra-o a história da Igreja: não obstante os limites e pecados dos homens, a Igreja continua a atravessar o oceano da história, impelida pelo sopro do Espírito e animada pelo seu fogo purificador! Não tenhais medo!
- Terceiro e último aspecto: Há, de facto, uma espantosa desproporção, entre o pequeno grupo dos Doze e a multidão do vasto mundo, a quem são enviados! Esta *“desproporção de forças em campo é semelhante àquela que podiam admirar todos aqueles que viam e ouviam Cristo, só, ou quase só, nos momentos decisivos! Apenas Ele em união com o Pai, Ele na força do Espírito! E todavia, aconteceu que, por fim, pelo mesmo Amor que criou o mundo, a novidade do Reino surgiu como pequena semente que germina na terra, como centelha de luz que irrompe nas trevas, como aurora de um dia sem ocaso!”* (Bento XVI, Homilia no Porto, 14.05.2010). Não tenhamos, por isso medo nem vergonha, de ser Igreja e de estar, como sal e fermento, neste mundo, sem o apoio de qualquer espécie de poder, sem o aplauso da cultura dominante! Contemos, sobretudo, com esta força pessoal do Espírito de Deus, capaz de nos renovar e de fazer de nós uma *«minoría criadora e criativa»*, para recriar a face da Terra, a partir de Deus, sempre e só de Deus, pela luz e alegria do Espírito Santo!

Solenidade da Santíssima Trindade B 2009

- “Mas a Trindade é ao mesmo tempo missão: quanto mais intenso é o amor, tanto mais vigoroso é o impulso a infundir-se, a dilatar-se, a comunicar-se a todos. Exorto todos, e uma vez mais, a crescer na dimensão missionária.
- “Não vos resigneis à conservação do existente. Retomai, com novo ardor, o caminho da missão, “o trabalho do amor” (I Tes.1,3).”

Solenidade da Santíssima Trindade B 2000

- “A Igreja não aparece como um grupo de conquista, não é uma associação de amigos; não nasce da vontade destemida dos Homens. É, antes de tudo, uma “comunidade congregada no amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Cipriano, *De Dominica Oratione*,23; LG 1).
- “O objetivo da missão da Igreja não é o de ter mais e mais gente, mas o de fazer discípulos... o mesmo é dizer, formar homens e mulheres, que escutam a Palavra do Pai, que seguem o caminho do Filho e se deixam guiar pelo Espírito de Deus. De modo que a Trindade deixe de ser um estranho e distante enigma, para nós e passe a ser o grande Mistério de Amor, no qual, de facto, “*nos movemos, somos e existimos*” (Act.17,28).”
- “O Espírito, Pessoa-Dom incriado, é o protagonista da missão e de toda a vida eclesial. É, porém, um protagonista silencioso como o Dom é silencioso. Silencioso, mas eficaz. (António Couto).”

XXX Domingo Comum C 2010 – Dia Mundial das Missões

- “Todos nós, que aqui nos encontramos com o Senhor, temos a certeza de que o seu Evangelho é Boa Nova, é a melhor notícia, que podemos levar ao mundo, é a grande luz, para todos os que vivem nas trevas e nas sombras da morte, é o fermento e o sal, capazes de transformar este mundo e de dar à vida novo sabor. O Evangelho é, literalmente, «boa nova», notícia feliz que dá mais plenitude de vida e de sentido, aos acontecimentos da nossa vida. Por isso, não a podemos calar, mesmo em circunstâncias difíceis. São Paulo deixava-nos o seu testemunho: “O Senhor esteve a meu lado e deu-me força, para que, por meu intermédio, a mensagem do evangelho fosse plenamente proclamada e todas as nações a ouvissem” (II Tim.4,17). Tendo sido “apanhado” por Cristo, Paulo deu tudo de si e de seu, para que essa experiência do encontro com Cristo se tornasse realidade, na vida de todos os que encontrou pelo caminho e fora do caminho!”
- “Devemos hoje procurar novas formas e, especialmente, uma nova disponibilidade, para comunicar o Evangelho aos outros e testemunhar a cada pessoa, como o nosso encontro com Cristo, traz nova luz à nossa vida. Devemos difundir a todos a alegre notícia do amor de Cristo, por cada um, um amor capaz de transformar tudo em nós e a partir de nós.”
- “Renovemos então “o compromisso de anunciar o Evangelho e atribuir às nossas atividades pastorais um ímpeto missionário mais amplo” (Bento XVI, Mensagem para o Dia Mundial das Missões, 2010), de modo a “darmos um rosto missionário à Igreja”. Este “continuar a missão”, implicará sempre, começar por tomar consciência de que hoje é «por meu intermédio que a mensagem do evangelho será plenamente proclamada a todos» (II Tim.4,17) e que, portanto, para mim, ser cristão implica necessariamente ser missionário.”
- “O cristão não necessita de outra vocação para ser missionário: basta a vocação que tem. Para o cristão, ser missionário é a sua maneira de ser, a sua identidade,



a sua graça, é uma necessidade vital, que transborda da sua alegria e do seu encontro com Cristo! Os destinatários desta «boa nova» não são territórios ou nações além-mar, são todos os corações, são todos aqueles que querem «ver Jesus» e encontrar-Se com Ele.”

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora 2010

- “Toda a nossa vida, como a de Maria, há-de ser, portanto, marcada por esta "pressa sagrada", em que Deus é a prioridade e a meta, nada mais devendo causar pressa na nossa existência!”

Da homilia do 2.º aniversário de paroquialidade: 21 setembro 2010 Festa de São Mateus, Apóstolo e Evangelista

- “Num tempo como o nosso, “em que, no sentir de muitos, a fé cristã deixou de ser património comum da sociedade, não bastam já os discursos, os apelos morais ou os acenos genéricos aos valores cristãos. Uma mera enunciação da mensagem não chega ao mais fundo do coração da pessoa, não toca a sua liberdade, não muda a vida. Num tempo como o nosso, *«aquilo que fascina é sobretudo o encontro com pessoas crentes que, pela sua fé, atraem para a graça de Cristo, dando testemunho d’Ele»* (Bento XVI, Discurso no Encontro com os Bispos de Portugal, Fátima, 13 de maio de 2010). Num tempo como o nosso, já não é suficiente reformar estruturas. É necessário converter a nossa vida, expondo-nos permanentemente àquela rajada de verbos do Senhor Jesus: *«vai», «vende», «dá», «vem» e «segue-Me»* (Mc. 10,21), e transformarmo-nos em testemunhas de Cristo Ressuscitado, no nosso ambiente e em toda a parte.
- Já não basta conservar as comunidades já existentes, ainda que isso seja importante. Entre tantas urgências, todos temos de reconhecer que o mais urgente é ainda e sempre a missão. É, portanto, necessário e inadiável levantar-



se, como Mateus, e partir em missão”! (CEP, Carta Pastoral *Para um rosto missionário da Igreja em Portugal*, 11; Bento XVI, Discurso no Encontro com os Bispos de Portugal, Fátima, 13 de maio de 2010].”

- No mesmo sentido, e como nos lembrou o Papa, há poucos meses, aqui no Porto, hoje o campo da missão não parte de territórios, nem se dirige a territórios, mas parte do coração e dirige-se ao coração, uma vez que são «os corações os verdadeiros destinatários da atividade missionária do Povo de Deus» (Bento XVI, Homilia na Avenida dos Aliados, Porto, 14 de maio 2010; cf. Carta Pastoral, *Para um rosto missionário da Igreja*, 4).
- Corações “doentes”, porque carentes de sentido e de esperança! Corações divididos e insaciados, porque atulhados de tudo e esvaziados de Deus. Corações dormentes, porque anestesiados, por falsos substitutos de Deus. Muitos procuram uma felicidade instantânea ou momentânea, mas, «por experiência própria e comum, bem sabemos que é por Jesus, que todos esperam. (...) Nós, que recebemos tudo de Deus, havemos de oferecer Cristo Ressuscitado, ao mundo, para que todas estas situações de definhamento e morte, se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida” (Bento XVI, Homilia na Avenida dos Aliados, 14 de maio 2010).
- “Por isso, «evangelização implica movimento e comunicação, e requer tempo, formação, inteligência, entranhas, mãos e coração» (CEP, Carta Pastoral *Para um rosto missionário da Igreja em Portugal*, 3).”



- Esta é a missão, que nos compete hoje, levar por diante, pois «*o cristão, todo o cristão, é na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo*» (Bento XVI, Homilia na Avenida dos Aliados, Porto, 14.05.2010). O já referido Cardeal Newman dizia mesmo que o nosso divino Mestre confiou uma tarefa específica a cada um de nós: “*Ele confiou-me uma tarefa que não entregou a nenhuma outra pessoa*”. Dizia, mais precisamente: “*Tenho a minha missão. Sou um elo na corrente, um vínculo de união entre pessoas. Ele não me criou para o nada. Farei o bem, farei a sua obra; serei um anjo de paz, um pregador da verdade, no lugar que me é próprio. (...)*” (*Meditação e Devoção*, 301-2). E o Papa perguntava-nos precisamente a nós: «*se não formos nós, nos nossos próprios ambientes, as testemunhas da Ressurreição de Jesus, quem o será em nosso lugar*»? (cf. Bento XVI, Homilia na Avenida dos Aliados, Porto, 14.05.2010).



ANEXO

TEXTOS COMPLEMENTARES



A)

Preparação do batismo, momento missionário

Diria que o Batismo, a sua preparação e o compromisso de dar continuidade às recomendações batismais, já nos põem em contacto também com quantos não são muito crentes. Não é um trabalho para conservar a cristandade, mas é um encontro com pessoas que talvez raramente vão à Igreja.

O compromisso de preparar o Batismo, de abrir as almas dos pais, dos parentes, dos padrinhos e das madrinhas, à realidade do Batismo, já pode e deveria ser um compromisso missionário, que vai muito além dos confins das pessoas já "fiéis". Ao preparar o Batismo, procuramos fazer compreender que este Sacramento é inserção na família de Deus, que Deus vive, que Ele se preocupa por nós.

Preocupa-se a ponto de ter assumido a nossa carne e ter instituído a Igreja que é o seu Corpo, na qual pode assumir, por assim dizer, novamente a carne na nossa sociedade.

O Batismo é novidade de vida no sentido de que, além do dom da vida biológica, temos necessidade do dom de um sentido para a vida que seja mais forte que a morte e que perdure mesmo se os pais um dia vierem a morrer. O dom da vida biológica só se justifica se pudermos acrescentar a promessa de um sentido estável, de um futuro que, também nas crises que vierem e que nós não podemos conhecer dê valor à vida, de modo que valha a pena viver, ser criaturas.

Penso que na preparação deste Sacramento ou em diálogo com os pais que desconfiam do Batismo, temos uma situação missionária. É uma mensagem cristã. Devemos ser intérpretes da realidade que tem início com o Batismo.

Não conheço suficientemente bem o Ritual italiano. No Ritual clássico, herdado da Igreja antiga, o Batismo começa com a pergunta: "Que pedis à Igreja de Deus?". Hoje, pelo menos no Ritual alemão, responde-se simplesmente: "O Batismo". Isto não explicita suficientemente o que se deve desejar. No antigo Ritual dizia-se: "A fé".

Isto é, uma relação com Deus. "E por que continua-se pedis a fé?". "Porque queremos a vida eterna". Isto é, queremos uma vida segura também nas crises futuras, uma vida que tenha sentido, que justifique o ser humano. Este diálogo, contudo, parece-me que deve ser realizado já antes do Batismo com os pais. Só para dizer que o dom do Sacramento não é simplesmente uma "coisa", não é simplesmente "coisificação", como dizem os franceses, mas é trabalho missionário.

Bento XVI

DISCURSO DURANTE O ENCONTRO COM OS SACERDOTES DA DIOCESE DE ALBANO (ITÁLIA)

*Sala dos Suíços, Palácio Pontifício de Castel Gandolfo
Quinta-feira, 31 de agosto de 2006*



B)

Não te envergonhes de dar testemunho de nosso Senhor (II Tim.1,8)

“Os tempos que correm exigem um novo vigor missionário dos cristãos (...) Há necessidade de verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo, sobretudo nos meios humanos, onde o silêncio da fé é mais amplo e o profundo: os meios políticos, intelectuais, profissionais da comunicação” (Bento XVI, Fátima, 13.05.2010). Aí, a tal fé envergonhada cala-se, por falsos respeitos humanos, com medo de ofender os outros. Temos medo de dar a cara, e não dizemos nada, para não nos incomodar, a nós e aos outros. No autocarro, na mesa de café, na conversa de rua, em casa e na empresa, quantas vezes nos envergonhamos de propor, a quem se cruza conosco, o sentido que a nossa fé cristã dá à vida e morte, ao casamento e à família, ao trabalho e ao serviço?! “Na realidade, se não fordes vós as testemunhas de Cristo no vosso ambiente próprio ambiente, quem o será em vosso lugar” (Bento XVI, Porto, 14.05.2010). O facto é que chegámos hoje a ter vergonha de usar as sãs palavras do evangelho, vergonha de propor a doutrina da Igreja, que nos foi confiada, com receio de parecermos uns tristes desalinhados! Ora a Missão passa por esse testemunho pessoal e corajoso da fé, feito não só de palavras sãs, mas de gestos, que marquem a diferença: servir com humildade, trabalhar de graça, fazer as coisas sem interesse, acolher os últimos, que a sociedade rejeita. Aliás, «o cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor», «sabe que o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus, em que acreditamos» (Bento XVI, DCE 31).

